

TRIBUNA Livre

19
JULHO
1958

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62112 - AMARES

INIMIGOS DE SEMPRE

Por Domingos M. da Silva

Há na formação heterogénea das nacionalidades um fundo negativista e rebelde aos verdadeiros princípios em que assentou a fundação das pátrias.

Os portugueses do século XII, os inclitos varões de Entre-Minho e Douro, ao arremessarem decididamente para os fundamentos de um reino as pedras talhadas a duros golpes de espada sobre uma raça odiosa e adversa aos puros ideais da Grei, nem por isso, e só por uma questão de humanidade, esmagaram e exterminaram os últimos sopros de vida dos vencidos.

Sabe-se como aos judeus e mouros das cercanias de Lisboa, Almada, Palmela e Alcácer foram pelo 1.º monarca dadas condições de vida e fôros de liberdade através de um célebre diploma conhecido por «foral dos mouros forros».

Como o joio cresce e se desenvolve por entre a boa semente, e por vezes tenta afogar e matá-la, sorvendo-lhe o melhor da seiva, as energias, o sangue, se não fôr o trabalho atento do cultivador, também daqueles que a espada generosa do vencedor de Ourique não reduziu a tão pura e simples escravidão, que as cartas de alforria lhes permitiram ainda continuar a respirar o ar benéfico, a explorar o solo fecundo que havia atraído seus avós a estas ambicionadas pa-

ragens; mais que essa tolerância, logo depois a sua usura e ingerência nos negócios públicos, como arrecadadores de impostos, para que mostraram rara habilidade que os tornou malquistos de todas as classes sociais — preparou-se assim o advento do *feudalismo do dinheiro e do ouro* com todas as suas conseqüência e a suceder a outro que mergulhava as suas raízes profundas no apreço e posse da terra.

Mas a melhor *pedra de toque* — a Religião — a que mais serve para avaliar da pureza de seus verdadeiros sentimentos, é que nunca sinceramente se deixaram enleiar por Ela, numa íntima associação de princípios e de ideais que cimentam e fortalecem a orgânica e a verdadeira comunidade de pátrias.

Onde se encontrar um inimigo da Religião, mui raramente poderá encontrar-se um patriota.

Os estados peninsulares bem cedo começaram a sentir recrudescer em suas entranhas um perigoso inimigo de suas vigorosas instituições, quando, por força das circunstâncias se viram na necessidade de recorrer a medidas drásticas, aos tão mal compreendidos tribuais da Inquisição.

Com efeito, a raça gentilica veio a viver em paz, e, como a serpente coleando nas con-

Continua na 6.ª página

REFLEXÕES SOBRE A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

Do que cumpre conhecer para emendar

O Corporativismo: certo nos princípios, errado na actuação — ou sem actuação capaz

Se perguntássemos ao povo português se os princípios que norteiam o Corporativismo estão certos, esse povo responderia em grande maioria que sim. É que neste momento os espíritos mais esclarecidos, as consciências mais bem formadas, em suma, os homens avisados, sabem que uma nação não pode viver no clima contemporâneo sem uma organização que aconselhe e guie — sem o chamado dirigismo.

Mas se perguntássemos ao povo de Portugal se deve continuar o Corporativismo tal como está a ser dirigido, com os proventos que absorve e com os lucros que dá,

com as arrelias e trabalhos a que obriga e com os benefícios que distribui, com o que faz e não deixa fazer, com o que devia fazer e não faz, esse mesmo povo responderia que ele não deve sobreviver.

Sejamos francos em admitir que a grande maioria é contrária a uma orgânica que caiu na burocratização, na rotina e formalismo das secretarias quando a sua função era cuidar, ajudar, fomentar e guiar, dando às diferentes actividades a especialização que não têm, a técnica de que carecem, a associação que lhes falta.

E se formos assim francos

estaremos a tempo de salvar a organização que não tem falta de doutrina mas a que faltam dedicação e espírito de servir, simultaneamente, alguns meios e muitos homens.

Uma organização que se cria, ou se dignifica e vive, ou se torna sedentária e morre. Na rotina só se aceitam aquelas repartições que têm fins, dos quais se não pode prescindir.

A vida dos Tribunais, das Secções de Finanças ou das Câmaras mantém-se num formalismo em que se não repara porque se sabe que deles advém a justiça para os povos, a tributação que mantém o Estado, a vida dos Municípios. Nada mais se lhe pede porque deles dimanam interesses humanamente imprescindíveis.

Ao Corporativismo não se pede a paz nas ruas, a justiça nos pleitos, o sossego nas almas; pede-se que em troca da quota dada surjam serviços que largamente a compensem.

Se ao Corporativismo emprestarmos o prestígio da Casa do Douro, das Caixas Agrícolas, das Misericórdias etc, ele já mais sossobrará. Quem haverá neste País que vote pela extinção de algum daqueles organismos?

Para se criar esse ambiente de confiança e satisfação em volta do Corporativismo há que dar-lhe, simultaneamente, homens e possibilida-

Continua na 4.ª página

UMA NOVA VISÃO DO SISTEMA

CIRCULATÓRIO

Por Ernest Burkhardt

Num Congresso realizado recentemente em Berlim, 5.000 médicos alemães ouviram uma comunicação de extraordinária importância para a evolução futura da medicina. Versou ela sobre a totalidade dos vasos capilares que levam o sangue, carregado de substâncias nutritivas e de oxigénio, a todos os músculos e

órgãos e trazem para o sistema circulatório geral o sangue gasto. A Faculdade de Medicina da Universidade de Marburg, conhecida em todo o mundo como um dos mais importantes centros de investigação do funcionamento e das doenças do coração e do sistema circulatório, desenvolveu novos métodos para o estudo da rede invisível dos vasos capilares.

Conseguiu-se, por exemplo, estudar em pormenor os pro-

Continua na 4.ª página

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

O maior com a data de fundição 1882 (possivelmente não esteve lá) tem a legenda ECCE CRUCEM FUGITE PARTES ADVERSAE; o das Almas, de 1824, VERITAS DOMINI MANAT IN AETAERNVM.

* * *

O estudo, que através das freguesias vem a fazer-se metódicamente, dá ensejo a que se conclua que a época de D. João V soprou lufadas de renovação religiosa e de seu tesouro artístico a todos os recantos de Portugal; o eco característico do cinzel no talhar das padieiras e dos silhares, nas planícies de Mafra, revoou de vale em vale a imprimir outra grandeza a modestos e acanhados templos, às velhas edificações que mal comportavam a concorrência dos fieis.

Depois entrou nelas o reflexo do fausto e da sumptuosidade, que atingiu o sumo grau em S. Roque e S. João Baptista, para em breve parar e até entrar em decadência e ruína, se não fôsse a eterna confiança destas populações, sempre leais aos seus princípios.

S. Tiago

O próximo número deste Semanário será, como habitualmente, dedicado a Galdelas, visto realizar-se ali, no próximo dia 25, a tradicional festa em honra de Santiago Apóstolo. Entretanto, como o referido número sairá no próprio dia da festa, desde já transcrevemos o respectivo programa:

Dia 19, às 21 horas, princípio da novena; dia 22, à mesma hora, princípio do tríduo; dia 24 às 10 horas, reunião de confesores, ao meio dia uma salva de foguetes e repique dos sinos para anunciar o começo das festas.

À noite, procissão de velas em honra de N.ª S.ª de Fátima. Dia 25, às 6 horas, missa e comunhão,

Continua na 5.ª página

Album de coisas várias

Pois, sr. Santos Pinto, por muito que lhe pese e custe, não deve ter ilusões quanto à verdadeira nacionalidade do célebre compositor de marchas que foi John Philip Sousa, que é americano, pois que nasceu na grande América e, que me conste, nunca viveu à margem da Constituição estaduniense.

Esta é que é a verdade, sr. Pinto, que tem que aceitar.

Então, lá porque o pai do notável regedor era português, já devíamos considerar John Philip português? E porque não alemão, sr. Pinto, uma vez que

sua mãe era alemã, natural duma cidade germânica, como deve saber!

Ora deixe-se de sonhar com os olhos abertos e entremos na segunda parte da sua consulta...

* * *

Sim, senhor: gosto de música. Não, senhor: nunca estudei música, não obstante, nos meus tempos de estudante em Vila Real, meu Pai me ter mandado, a mim e aos meus irmãos, aprender a tocar violim.

Continua na 2.ª página

TRIBUNA das ARTES e das LETRAS

EÇA DE QUEIRÓS

entre os demais realistas portugueses

Por Luiz F. L. Esteves

Era uma esplêndida noite de Verão. Antes de me deitar fui à janela para observar as estrelas e o azul claro do Céu. Como fosse já tarde e tivesse bastante sono, quis fechar a janela mas os braços quase não tinham forças para tanto—fiquei extasiado ao contemplar as belezas do Criador. Tentei mais um esforço e sempre consegui fechá-la. Embebido naquele ambiente, deitei-me e pouco me custou adormecer devido ao cansaço, não demorando muito que começasse a sonhar, e que sonho encantador!...

— Era uma manhã primaverill... Logo que me levantei fui à janela e fiquei como que em êxtase ao observar o panorama que diante de mim se estendia; aqui, o chilrear duma avezinha que saltitava de ramo para ramo das roseiras cobertas de flores; ali, uma laranjeira com lindas jóias penduradas dos ramos, como que a rirem-se para mim; lá ao fundo, deslizava lentamente um rio, que de vez em quando me confortava com sua aragem fagueira. Agora, além, já começava a ver-se o cume do monte tapetado a ouro, ouro esse que se ia alastrando por toda a serr!...

— De repente acordei e logo me passou pela mente tudo quanto a minha fantasia vira naquele sonho. Entretanto, despertou o relógio... Levantei-me prontamente, rezei, lavei-me e depois de me preparar, quando ia a sair do quarto, vi em cima da minha mesa de estudo um livro. Este livro era a « História da Literatura Portuguesa » e neste momento todo o sonho que havia tido me veio de novo à imaginação, mas agora todo aquele panorama se transformou num enorme escrito a letras de ouro. Umas mais salientes e mais brilhantes, outras menores e com menos brilho. Assim como ao ler-se um jornal, primeiramente

te se repara nas epígrafes, em letras maiúsculas, isto é, o título de cada artigo, assim também nesse jornal descompassado comecei por ver as letras grandes, onde se lia:

Ramalho Ortigão, Teófilo Braga Vieira de Castro, P. e Sena Freitas, Gomes Leal, Antero de Quental, Oliveira Martins, Fialho de Almeida, Guerra Junqueiro, «EÇA DE QUEIRÓS» e muitos outros nomes que não posso enumerar, pois então o artigo constaria apenas de citações de autores, todos eles realistas, o que torná-lo-ia massador.

— Tomei a cadeira, sentei-me, fitei os olhos em Eça e pegando na pena comecei a escrever: Era o ano de 1845. Num desses dias da estação do despir das árvores em que o vento sopra de todos os lados, via-se o enfurecer das on-

(Continua na 5.ª página)

Album de coisas várias

(Continuação da 1.ª página)

no com um velho carteiro reformado, que sabia da horta. Arranjou-nos um velho livro de solfejo, do qual ficou metade por ler. Velho também era o violino do professor mas, mesmo assim, dele ainda se arrancavam umas notinhas muito lindas. Foi este o meu único contacto directo com a Música, em que lhe mexi, apenas. Mas, verdade-verdadinha: nunca estudei música.

Mas gosto de ouvi-la e mais ainda gostava de a saber arrancar dos instrumentos. Mas isso nem de pifaro ou gaita de beijos...

* * *

John Philip Sousa, descendente de portugueses (seu pai foi o português António de Sousa) e de alemãs (sua mãe

foi a alemã Elizabeth Trinkaus), nasceu em Washington, no ano de 1854, creio que no mês de Novembro. O seu interesse pela música ou, melhor, pelas bandas e pelas marchas, foi possivelmente muito beneficiado pela circunstância de a casa onde vivia com seus pais ficar muito perto da caserna dos Fuzileiros Navais, porque a sua vocação para a música, essa, existia nele em potência e tarde ou cedo daria o seu grito de vida, estivesse, Philip Sousa aonde estivesse fosse ou não filho de António de Sousa.

Aos catorze anos de idade entrou para a Banda que tanto o entusiasmava e o fazia perder horas e horas de enlevo e esquecido de si e dos seus. Aos 22 anos iniciou uma carreira de violinista no Teatro Ford, onde, mais tarde, passou a reger a respectiva orquestra. Um ano depois, ou seja, em 1879, assumiu a regência do *Philadelphia Church Choir*. Ali dirigiu orquestras e Coros e, em 1880, voltou à Banda dos Fuzileiros Navais, como regente.

* * *

Sob o seu reinado, a Banda dos seus sonhos e esperanças de catraio foi completamente remodelada e a John Philip Sousa se deve a fama que a mesma ainda hoje disfruta.

O seu génio e talento de compositor, especialmente de marchas militares, correu todo o mundo, oferecendo, num

ritmo criador espantoso, a todos os homens, peças de música lindíssimas, como presentemente podemos escutar.

Muitos acontecimentos históricos inspiraram-no à composição de muitas das suas célebres marchas como, por exemplo, *Across the Danube*, *The Yorktown Centennial*, *The Resumption*, *Semper Fidelis*, *The Washington Post* — testemunhos eloquentes da interligação do seu génio com a História dos povos ou das nações.

* * *

Facto curioso foi que, quando compôs, em 1896, *The Stars Stripes Forever* — a Marcha dos Fuzileiros Navais que é o Hino Nacional da América, — já o imortal compositor tinha abandonado, para sempre, a Banda dos soldados do Presidente americano.

Do seu extenso e uniforme reportório fazem parte melodias, operetas, canções e marchas, que o consagraram e lhe deram sucesso. Correu o mundo, mas nunca veio a Portugal, a Portugal, a pátria de seu pai que um dia, fugido em Espanha, navegou para Inglaterra e desta para o Novo Mundo, onde casou e constituiu família.

A vida ou, melhor, a música de John Philip Sousa foi já motivo de grande realce para o cinema que nos deu, em 1952, «*Marcha Triunfal*» sob realização de Henry Koster.

E pronto, sr. Santos Pinto. Quando puder apareça e man- de sempre.

Joaquim Monteiro (Jorge)

PRIMAVERA

Na Primavera tudo é cor e gala;
Cantam os melros a canção de amores;
Exalam suave odor as belas flores.
Parece-nos que tudo canta e fala...

Os montes, coroados p'la giesta,
Parecem reis a dominar o vale.
Nada mais que ao coração nos fale
Do que uma aldeia, toda ornada, em festa.

Abre-se a rosa a receber o orvalho.
Cantam as aves sob o verde galho.
Murmura a fonte sua canção meiga.

E aquele aroma de manhã saído
Do lindo ramo, no prado colhido,
Diz-nos sorrindo: como é linda a veiga!.....

M. A. S. — Barreiros

Folhetim da Tribuna Livre,, 79

SEMPRE NOIVOS

Por Porfirio de Sousa

(Recordações do Minho — Usos e costumes)

— Matusalém, segundo a Bíblia, viveu muito mais e não reza a história que fosse tão feliz como nós somos...

— E havemos de continuar a sê-lo...

— Estou absolutamente certo disso...

— Estás, não?

Estamos, é que é!

— Ou isso — que é o melhor.

— A propósito:

Sabes, a nossa patroa, a Senhora D. Leopoldina, veio cá hoje ver os nossos filhos e trouxe um pudim para cada um deles... e um para o pai e outro para a mãe...

— É uma boa senhora e digna de melhor sorte no seu lar.

— Tão rica... é tão desgostosa!

— A riqueza, como vês, não é a pedra angular da felicidade.

— A riqueza, a verdadeira riqueza, José, é a nossa, é a que tem como pedra de toque a harmonia, o amor, a alegria!

* * *

O Morgado do Souto, ao fim de dois anos de casado, também foi pai de um menino, que recebera, na pia baptismal o nome de Pedro.

Ao contrário do Mário, Pedrinho era fraquito, triste, sem a vivacidade que é própria das crianças daquela idade.

Um dia quando pensou tirar-lhe o leite, perguntou ao marido se não achava bem entregar o filho, nêsse período, aos desvelos,

aos cuidados, dos caseiros da quinta do Vale, pois tanto a Maria Teresa como o José eram boas pessoas e ela estava certa de que se lhes falasse nesse sentido que receberiam o filho com verdadeiro carinho e simpatia.

— Acho isso um absurdo!

— Porquê?

— Por misturar o nosso filho com os do caseiro!

— O Pedrinho precisa de crianças para brincar e de liberdade para se mover à vontade.

— Conquanto aqui não haja crianças — que não fazem falta nenhuma! — tem a liberdade que quiser para percorrer a casa toda e não é ela tão pequena...

— Em primeiro lugar eu reconheço-o bem — por preocupação não lhe dou a liberdade precisa e, além disso, na casa da Maria Teresa, o Pedrinho tinha o Mário e a Zaidinha para brincar.

— Não quero o meu filho com os dos caseiros...

— Antes de tudo havemos de fazer justiça ao José e à mulher de que é uma família honesta e muito simpática — e isso é a garantia, a prova segura, de que nos tratariam bem o nosso filho.

— Que não deixam de ser os caseiros...

— Dignos e felizes!...

— Não sei onde esteja a sua felicidade!

O amor que consagram um ao outro é a síntese da sua radiosa felicidade.

— Quimeras, utopias! — pois a verdadeira felicidade está na facilidade da realização de todos os nossos desejos — essa felicidade só se concretiza à base do dinheiro!

— Como te enganas

Eu daria metade, ou mais, de boa vontade, do que tenho para gozar a felicidade que têm os nossos caseiros; a sua vida é feita à base do amor e de luz, de carinho e de ternura!

(CONTINUA)

TRIBUNA do CONCELHO

Passando os olhos pelo progresso local

Vamos conversar um pouco com os nossos estimados leitores que vivem fora do concelho e que tanto gostam de saber o que por cá se passa. Vamos dizer-lhe como vai o progresso local para poderem aquilatar do desenvolvimento desta Vila que, como já sabem, agora inclui a velha Amares e a não mais nova Feira Nova.

Em Amares continuam as obras na Casa do Povo, que fica nas bouças situadas na parte inferior do Bairro.

Edifício de boas proporções, tudo leva a crer que será inaugurado lá para Outubro.

Uma comissão recentemente constituída trabalha também para reconstruir a Capela de Nossa Senhora da Paz, no Monte da Santinha.

A Feira Nova atravessa a mais intensa actividade de construções que talvez jamais terá experimentado e tudo leva a crer que esta actuação se irá manter por largo tempo.

No lugar novo, o sr. Ferradais está na fase de acabamento do prédio que ali fez construir e que dará quatro magnificas habitações com todas as condições modernas, constando que serão habitadas já no próximo mês.

A velha casa dos Figos recebeu o primeiro andar, que está em acabamento. A velha casa do sr. Manuel Tomé foi totalmente reconstruída e está no fim da obra.

A rua dos bombeiros está aberta e oferece perspectiva desassomburada, esperando pela

pavimentação logo que o Estado participe. Entretanto erguem-se ali vários edificios. Os srs. Alvaro Gomes, Januário da Silva Barros e António Ribeiro estão a acabar o rés do chão e preparam-se para entrar no primeiro andar.

O quartel dos Bombeiros Voluntários está a erguer-se e o novo cine-teatro tem os alicerces feitos.

Entretanto os pedreiros exploram pedra e vai-se procedendo à venda do terreno ainda disponível. Serve aqui o momento para dizer aos que vivem lá fora, de que a ocasião é muito boa para conseguirem um lote de terreno e fazerem construir a sua casa.

No lugar Novo, uma Comissão comprou o Campo do Sapateiro e está a construir ali um edificio amplo e arejado, com pedra trabalhada no frontal e tem no seu projecto a esperança de construir mais dois corpos que, com este, darão um conjunto grandioso.

A residência paroquial também anda em obras e espera-se que no próximo mês se iniciem três: duas do sr. dr. Arantes Rodrigues, uma das quais é a reforma de parte de um edificio e outra uma construção nova e uma do sr. Paula, chefe aposentado da P.S.P. que vai construir um edificio novo para viver, nas casas novas junto à escola.

Isto, o que cumpre dizer para já, mas é possível que possamos dizer mais alguma coisa aí para diante.

Festas do Senhor da Saúde na freguesia de Lago

Estão a decorrer, com grande afluência de devotos, as novenas da festa de N. Senhor da Saúde na igreja paroquial de Lago, Amares.

A supradita festa realiza-se na igreja referida e na capela privativa do Senhor da Saúde. No sábado, um grupo de «Zés Pereiras» e «Gaiteiros» percorrerão a freguesia, visitando os devotos da festa para a cobrança das esmolos. Também há confesores na igreja para atender os devotos, durante o dia de sábado. No domingo, 20 de Julho, às 6,30, haverá missa rezada e comunhão geral. Às 9 horas fará a sua entrada a Banda dos Bombeiros Voluntários de Amares; e às 11 horas principiará a missa solene com sermão.

De tarde, às 16 horas começará o terço, acompanhado a cânticos; e, no fim dele, a bênção do S. Sacramento. Organizar-se-á depois a procissão com muitas figuras alegóricas e anjinhos. Dez andores, artisticamente ornamentados a flores naturais e de armador, — conduzirão as imagens do Senhor da Saúde, de São Martinho, Senhora de Fátima, Senhora do Sameiro, São José, São Judas Tadeu, São Bento, Santo António, Santa Teresa do Menino Jesus e o Menino Jesus.

Durante toda a semana se têm feito ouvir os alto falantes que, além de outras músicas, transmitem os actos religiosos da Novena e transmitirão também os actos religiosos do domingo.

Nos intervalos auxiliarão a Banda supracitada, transmitindo música puramente religiosa.

Um grande bazar de prendas servirá para entreter e deliciar os forasteiros.

Notícias pessoais

Deslocou-se, na semana finda, ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima, o Reverendo Albino José Fernandes Alves, ilustre pároco desta freguesia.

—Regressou de Lisboa o sr. Dr. Tomás Gonçalves de Andrade, que vem passar uns dias na sua residência em Besteiros.

—Está para Lisboa o sr. dr. Eduardo Gonçalves que ali foi buscar seu filho, recentemente operado no Hospital da CUF, com magnífico resultado.

—Encontra-se na Casa da Boavista, a passar alguns dias, a Ex^{ma} Senhora Dona Isabel Anes Calheiros de Abreu. Regressou de Lisboa a Ex^{ma} Senhora D. Belém Calheiros de Abreu que vem passar o verão na sua residência nesta freguesia.

Alfaiataria Belcorte

Encontra-se definitivamente instalada nesta Vila, Largo Dr. Oliveira Salazar, a alfaiataria Belcorte, sob a gerência do seu proprietário José E. Macedo Gonçalves, há pouco regressado de Lisboa, onde completou o seu curso de Obra Clássica Feminina.

Está instalado, provisoriamente, ao lado da Funilaria Carrazedo.

Vida elegante

Aniversários

Passou no dia 16, o seu aniversário natalício a Menina Elvira Antunes da Silva.

E ontem, dia 18, a Snra. Carminda de Araujo Velloso, o Snr. Francisco da Silva e o Snr. Juvenal A. Vitoriano

Rui Marques da Rocha

Anteontem, dia 17, fez anos o sr. Rui Marques da Rocha, nosso estimado assinante, residente no Brasil, filho do sr. José Fernandes da Rocha, de Caldelas.

A família deseja ao aniversariante as maiores felicidades, a que nos associamos.

Estrada Feira Nova-Caldelas

Fala-se que a estrada que da Feira Nova conduz a Caldelas vai receber beneficiações no primeiro quilómetro a partir da primeira povoação.

Pena é que a dita estrada não seja reparada em toda a sua extensão, pois tem regular movimento e no verão é mesmo muito movimentada.

Pena é também que nesta primeira beneficiação se não tome conta de um terreno que se encontra a fazer uma acentuada curva ao sair do Largo do Dr. Oliveira Salazar o que permitiria uma recta muito útil.

Nova Capela da S. da Paz

Formou-se, em Amares, uma Comissão que tem por fim fazer construir no Monte da Santinha, junto de Amares, uma capela que é a de Nossa Senhora da Paz.

Essa Comissão tem trabalhado para o efeito, fazendo imprimir uns bilhetes de rifa que vai distribuir para o efeito de arranjar fundos que a tornem possível.

Atroplamento

No dia 8 do corrente foi atropelado por um automóvel o nosso assinante Senhor Agostinho dos Santos, em serviço na Messe dos Oficiais do Exército, em Santa Clara-Lisboa, de que resultou ter sido hospitalizado, mas que nestas altura se encontra em franco restabelecimento, apesar da gravidade do acidente.

Desejamos-lhe rápida cura e retribuimos os cumprimentos que nos enviou por carta.

Campo de Futebol

A vedação interior do campo de desportos desta Vila vai ser feita de maneira a embelezar grandemente aquele recinto desportivo.

Tal obra deve-se ao facto de o sr. José Augusto de Almeida, de Caires, ter oferecido à direcção um pinheiro de grandes dimensões, que permite fazer aquela obra.

HUMORISMO

Sem demora

—Meu pai, mande-me sem demora 500 escudos.

—Filho, aí te mando os 50 escudos que pedes.

Já devias saber que cinquenta não se escreve com dois zeros.

Grande levantamento

Um sujeito encontra um amigo, logo de manhã na rua, e este pergunta-lhe:

—Que há de novo?

—Um grande levantamento. Todos que estavam deitados levantaram-se hoje de manhã.

Muito espantado

Um ébrio deixa cair a bengala e diz muito espantado:

—Então eu é que bebi o vinho e tu é que cais?

Um problema

Um cavalleiro foi a um quartel de visita e perguntou no fim ao comandante: Quantos soldados tem sob suas ordens?

O Comandante respondeu:

Olhe: metade deles, fazem ginástica; um quarto, exercita-se com armas; um oitavo, trabalha na limpeza do quartel; um décimo está de licença e vinte e cinco estão, neste momento a fazer o rancho.

Quantos são?

FALECIMENTOS

Em Amares, *Olivia Rosa Simões Machado, viúva, doméstica, de 75 anos de idade.*

—Em Carrazedo, *António Joaquim Pimenta casado, agricultor, de 76 anos.*

—Em Bouro (S.ta Maria), *Ana Rosa Correia, de 85 anos, viúva, doméstica.*

—Em Rendufe, *Maria José Soares, de 81 anos, solteira, doméstica.*

Em Rendufe, *Ana de Jesus Alves de Sá, de 34 anos, solteira, doméstica.*

—Em Caldelas, *Rosa Olivia Pinheiro, de 77 anos, viúva, doméstica.*

—Em Paranhos, *Maria Rosa Martins, de 72 anos, viúva doméstica.*

—Em Lago, *Rita Maria Correia, viúva, jornalista, de 66 anos.*

—Em Paredes Secas, *Delfina da Silva Fernandes, solteira, serviçal, de 67 anos.*

—Em Ferreiros, *Manuel da Costa Dias, jornalista, viúvo, de 57 anos.*

—Em Ferreiros, *Joaquina Fernandes, de 85 anos, viúva, jornalista.*

—Em Carrazedo, *Custódia Ferreira, casada, doméstica, de 56 anos de idade.*

Movimento do Registo Civil

CASAMENTOS

Em 31-5-58, na igreja de Bouro (Santa Maria), Alexandre Gonçalves Dias com Constança de Jesus da Silva Antunes.

—Manuel Martins de Carvalho com Maria de Jesus Ferreira Pinheiro, na igreja de Caires, no dia 7 de Junho.

—Joaquim Fernandes da Costa com Lucília da Silva, na mesma igreja, no dia 12-6-58.

—Albino Pereira da Silva com Clarice de Jesus Vieira Velloso, na igreja de Amares, no dia 12 de Junho.

—José Maria Pinheiro com Dorinda da Silva, na igreja de Amares, no dia 15 de Junho.

—Alberto Gonçalves Vieira com Maria Aurora Antunes Arantes, na igreja de Sequeiros, no dia 3 de Julho.

—José Maria Rodrigues Vieira com Joaquina de Oliveira Gonçalves, no Santuário do Sameiro, no dia 6 de Junho.

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

* * *

A torre tem, de alto a baixo, cavidade para os pesos do relógio.

Em 1935 foi substituída por telha francesa a cobertura do corpo da igreja; em 1953 fêz-se o mesmo à da Capela-mór.

Defronte dela está o cemitério, construído em 1900; o respectivo gradeado em 1911.

Dividiram-se àquele tempo os fregueses em opiniões se deveria ser construído ali, ou junto à capela de S. to António, no lugar das Lages; e nisto foi um dos maiores influentes o então abade João Hepólito Martins Capela, irmão do autor dos «Miliários...»

Sendo natural de Vilela, passou aqui os últimos anos e faleceu, o ilustre sacerdote e professor Santos Mota.

A capela de S. Lourenço esteve primeiro no alto do monte da Corredoura e lá se encontram vestígios dela no sítio que chamam «bouças de S. Lourenço»; até que, entre 1874-75, desceu ao lugar actual, à margem da estrada do Gerês.

São de muita devoção as imagens de N. S.ª do Livramento e a do padroeiro, advogado contra as queimaduras, tem a sua festividade a 10 de Agosto, dando-lhe considerável animação e concorrência os romeiros que passam para a Abadia e S. Bento da Porta-Aberta.

Por iniciativa da Junta, construiu-se-lhe, em 1920, um alpendre sobre a porta principal; e, em 1948, comprou-se o altar de uma capela de Recovelo e nele se colocaram, além das duas citadas imagens, a de N. Senhora do Fátio, que então se adquiriu.

Em 1955 reformaram-se os tectos e substituíram-se os telhados pelo tipo «francês»; abriram-se caixas de ar para o soalho e obteve-se, por acôrdo com os proprietários confinantes, o alargamento do terreiro.

Merecem aqui especial referência e galardão os juizes, mordomos e demais elementos das comissões festivas, pelo brio e maravilhas de arte que põem no arranjo e confecção dos arcos monumentais, que de ano para ano variam em requintes de apurada imaginação.

A capela de S. to António, ou da Confraria, já tinha um bom terreiro; mas, em 1951, foi alargado para o sul, graças à boa vontade do proprietário confinante. A festa do patrono tem lugar no 1.º domingo seguinte ao 13 de Junho.

Tem cruzeiro privativo para as suas procissões, além de outro e de uma antiga pia da água-benta, que por ali têm andado aos trambolhões.

Há nela três altares: os laterais, à parte do Evangelho de Santa Luzia e defronte o de N. S.ª dos Prazeres, representam valiosas jóias de arte «Renasença», em magnífico estado de conservação.

A sacristia dá acesso ao púlpito e este tem na orla da base, esculpida na pedra, a data de 1677 e o mais que se consegue perceber: «.....SEPVLBEDA ESTE PVL-PETO MAODOV POR NESTE LVGAR SAGRADO....»

Sobre a porta exterior da sacristia tem a era de 1773; e no campanário, com um sino, a de 1883.

Foi nela sepultado o confrade, rev.º Manuel Agostinho da Cunha, que foi seu capelão e abade da freguesia.

É do património da respectiva confraria um cálix com colher e patena.

São de particulares:

A capela de S. ta Marinha. Em 1950 foi adquirida pela casa de S. Jorge uma imagem deste santo, passando aquela a 2.º plano e ficando o seu titular a corresponder ao topónimo do lugar.

(Continua no próximo número)

Agência Funerária

DE

Manuel da Cunha

Esta casa encarrega-se de todos os serviços fúnebres, bem como:

Ornamentações de igreja, tanto em luto como em gala, andores dos mais luxuosos, coroas, ramos para casamentos, ornamentações de cruzeiros e todos os serviços deste género.

Sempre grande depósito de luxuosas urnas.

No seu próprio interesse consulte esta casa em Goucieiro—Vila Verde

Uma nova visão do sistema circulatório

Continuação da 1.ª página

blemas da irrigação da pele e dos músculos, recorrendo a medições de temperatura que registam diferenças de 1/100 de grau C. Com um microscópio especial tornam-se visíveis os revestimentos internos tanto dos vasos sanguíneos normais como dos capilares, tirando da sua estrutura conclusões de grande projecção. O Prof. Dr. Johannes Linzbach, conhecido nos meios médicos internacionais como patólogo especializado no coração e no sistema circulatório, apresentou em Berlim o balanço de uma série de trabalhos. Um adulto tem cerca de 6 litros de sangue, mas cerca de 2 litros estão normalmente no coração e nas veias e artérias principais. A maior parte, ou sejam cerca de 4 litros, estão nos vasos capilares. O seu comprimento máximo é de um mm, o seu diâmetro raras vezes maior do que 1/100 mm. É pouco provável que jamais se consigam contar todos os vasos capilares. A quantidade de sangue contida neles permitiu, porém, fazer um cálculo aproximado, no qual se indica o número de 50 biliões, com um comprimento total de 50.000 Km, ou seja, mais do que a circunferência da terra. O revestimento interno dos vasos capilares tem, num adulto, uma superfície total de 2.500 m², o peso total desse revestimento deve situar-se entre 2 a 4 kg.

Poder-se-á dizer que este cálculo é simples. Cumprido, porém, não esquecer que há 330 anos um cálculo igualmente simples levou ao descobrimento do sistema circulatório e das funções do coração. Não será exagero afirmar que a descoberta que os estudos dos vasos capilares da nossa era não é, com certeza, de menor importância para a medicina. A irrigação da pele, dos músculos e dos órgãos, a sua alimentação, e o seu aquecimento, o seu papel essencial no metabolismo das células instigam a uma investigação cada vez mais profunda. Não é segredo que processos químicos, assim como a tenção eléctrica nos tecidos e nos líquidos celulares regulam a abertura e o fechamento dos vasos capilares. Mas, além destes factores, afirmam-se os estados psíquicos e nervosos que nos levam a corar de alegria e de prazer, e a empalidecer de medo.

A investigação terá de incidir justamente nas possibilidades de exercer influência sobre o funcionamento da rede de vasos capilares. Os trabalhos até agora realizados põem em evidência que cada órgão tem uma rede capilar de estrutura própria. Um dos resultados do estudo do funcionamento dos vasos capilares indica, por exemplo, que apenas uma vigésima parte dos vasos capilares dos músculos dos braços e das pernas recebem sangue

quando esses músculos estejam em descanso. No momento em que se exija trabalho dos músculos, o sangue penetra em todas os capilares. Por outro lado os vasos capilares do coração—metade do coração tem nada menos de 300 Km. de vasos capilares—os do cérebro estão constantemente irrigados, nunca se interrompendo a corrente sanguínea.

Não resta a mínima dúvida que os especialistas de Marburg penetraram num vasto campo de investigação. No entanto muitos dos resultados colhidos já devem prestar grande auxílio ao trabalho prático dos médicos. Basta apontar neste contexto o tratamento das perturbações da irrigação sanguínea por banhos e por medicamentos, domínio este em que a medicina alemã já trabalha há mais de cem anos. Na comunicação apresentou-se uma visão de conjunto dos trabalhos realizados no passado e das investigações mais recentes. Algumas conclusões são de facto surpreendentes. Um banho quente, um determinado medicamento tornam a pele levemente rosada, o que indica mais forte irrigação sanguínea não asseguram simultaneamente a mais forte irrigação dos músculos e dos órgãos mais próximos. Verificou-se em muitos casos precisamente o contrário. Enquanto em alguns casos as medições da temperatura de pele indicavam uma diminuição da irrigação, os músculos e órgãos recebiam mais sangue. O Prof. Linzbach apontou como exemplo o caso da nicotina, advertindo, aliás, do perigo de se passar a considerar a nicotina um medicamento. Esta declaração sobre o efeito da nicotina cau-

sou evidentemente surpresa e demonstrou claramente que os problemas a estudar são extremamente complicados. De futuro um médico não se dará por satisfeito com a indicação que um determinado medicamento favorece a irrigação sanguínea, mas exigirá exactamente a localização desse efeito. Já não constitui segredo que em certas partes do corpo a rede de vasos capilares é em grande parte «bloqueada» por um «curto-circuito» entre as artérias e as veias. Dá-se, por exemplo, este caso nos dedos dos pés. A massa muscular é reduzida, a sua actividade mínima. Devido à distância máxima do coração, é imprescindível que o fluxo sanguíneo assegure o seu aquecimento e a manutenção de uma temperatura mais ou menos estável. Grande parte do sangue representa neste caso apenas uma «caletação central», sendo o transporte de substâncias nutritivas mínimo. Em consequência, os dedos dos pés estão expostos a perturbações da circulação, o que se observa frequentemente quando haja estados patológicos no sistema circulatório das pernas.

Entre a descoberta do sistema circulatório geral, há 330 anos, e as investigações referentes às redes de vasos capilares, há uma grande diferença. No primeiro caso decorreram séculos até se chegar da descoberta às suas consequências práticas. No caso da investigação dos vasos capilares, as conclusões de ordem prática são imediatas. Procedeu-se a uma revisão dos meios terapêuticos, até agora utilizados, e a um aperfeiçoamento dos métodos de tratamento baseados em conclusões meramente empíricas.

Reflexões sobre a Eleição Presidencial

Continuação da 1.ª página

des; mais homens do que possibilidades.

Onde encontramos nós, servindo essas organizações, aquelas dedicações e aquelas almas generosas que noutras instituições pobres, sem rendimentos, fazem verdadeiros milagres?

A resposta é filha das outras respostas: enquadra-se no ambiente geral das coisas. Homens que viram nascer os organismos e que se aproveitaram da influência local para entrar. Ali fizeram alguma coisa mas em breve pararam. Cairam no tal formalismo, na falada rotina, num bucolismo inócente. Passaram-se os anos mas não passaram os homens, com eles morreu a esperança sua e dos outros, veio a indefinição dos possíveis beneficiários, a seguir a aversão e o descontentamento pela obra.

Estamos na falada carência de dirigentes. Mas ha efectivamente carência ou simplesmente demasiada continuidade que não permite a prestação de provas de quem

pode dá-las com bom proveito?

Sem dúvida. O País acredita e quer o Homem excepcional que o guia há trinta anos, mas não acredita nem quer crer que todos estes demais servidores sejam homens excepcionais; se o são é no egoísmo com que se agarram aos lugares, na inércia em que são mestres, no endeusamento que enerva.

O que é certo, muito certo, muito sabido, tão sabido e tão certo que nisso todos estão de acordo, é que o Corporativismo não encontrou ainda o seu caminho e para o encontrar tem de purificar-se e rejuvenescer-se.

Tem de vir de cima o exemplo de ressurgimento e não, como vem sucedendo, a cumplicidade. As entidades que superintendem têm de intervir para que as coisas mudem e não ajudar a encobrir situações que desprestigiam.

O mal não é de princípios nem de funcionários, é de dirigentes. Esperemos que a falada e desejada renovação encontre o caminho apertado, ou então pode ser certo que todos perderemos o comboio.

J. M.

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

Teve excelente repercussão, como é natural, a notícia de ter sido aceite pelo Ex.mo Senhor Antonino Nogueira Martins a representação do nosso Semanário em Terras de Bouro. De entre as referências a tal respeito recebida na nossa Redacção, aprez-nos citar a do nosso ilustre colaborador, Senhor Domingos M. da Silva, que se exprime nestes termos:

«Felicito Tribuna Livre por ter deposto em tão boas mãos a sua delegacia e colaboração com Terras de Bouro.

Os bons amigos, vencendo distâncias que neste caso só contam para realçar a circunstância, encontram-se no cruzamento dos mesmos ideais e já confessados afins, a antiga solidariedade e camaradagem que sempre uniu a antiga rapaziada destas terras, a curtir a sua mocidade nos longos e difíceis, no entanto saudosos tempos de vida colegial em Braga, sujeita às mesmas peripécias e pressentimentos que a vida ainda ocultava em seu mistério...

Peço e agradeço que transmitam a Antonino Nogueira Martins, com um abraço e os meus parabéns, o testemunho de sincero reconhecimento de inequívocas provas de amizade que lhe devo».

SANTIAGO EM CALDELAS

(Continuação da 1.a página)

Às 11 horas, missa solene a grande instrumento e sermão por um distinto orador, às 10 horas, entrada da distinta banda de Rio-Mau, Penafiel, e às 14 horas, entrada da afamada Banda de Vila Verde.

Às 18 horas, Adoração e Bênção, às 19 horas, e selene Procissão na formosa dos anos anteriores, com grande número de anjinhos, e toda a paróquia com as suas associações.

Às 22 horas, iniciará-se o novo concerto entre as Bandas de Rio-Mau de Penafiel e Vila Verde, que se prolongará até à meia noite solar, terminando as festas por uma sessão de fogo de artifício, por dois dos melhores pirotécnicos desta região, à 1 hora e 1/4 da madrugada.

Haverá carreiras eventuais entre Caldelas, Feira Nova, Vila Verde, Terras de Bouro e Braga.

HUMORISMO

Um engano nunca foi pecado...

Uma certa menina foi falar com o seu pároco e disse-lhe: Sr. P.e, ontem passei a tarde toda a olhar-me ao espelho e achei-me bonita... Agora queria comungar, mas estou cocotom escúpulo em virtude daquele sentimento de vaidade que tive ontem à tarde...

O Padre olhou a rapariga e depois com os olhos cravados no chão, disse: Pode ir à vontade à comunhão, pois um engano nunca foi pecado.

No exame de instrução primária

Menina, gostas da história de Portugal? Gosto, sim.
De que Rei gostas mais? Não gosto de nenhum, são todos muito feios, desde D. Afonso Henriques a D. Manuel II.

Novos Assinantes

Tivemos o prazer de inscrever para novos assinantes os seguintes senhores:

António Dias Felgueiras, ausente no Canadá.

--Pelo sr. João Eduardo Gonçalves, digno comandante do Posto da G. N. R. na Vila de Terras de Bouro, foi-nos indicado o sr. João Martins Antunes, residente na mesma Vila.

--Pelo sr. Jaime Barreiros, digno funcionário da HICA, foi-nos indicado o sr. Azcádio Fernandes.

--Pela sr.a Beatriz Fernandes Ribeiro, residente em Lisboa, foi-nos indicado o sr. Manuel Fernandes, residente na mesma cidade.

--Pelo sr. Victor Martins, foi-nos indicado o sr. João Maria Esteves, digno funcionário da C. M. de Terras de Bouro.

--Também o sr. Domingos José Pereira de Barreiros, nos indicou seu irmão Cândido Pereira, G. N. R. na Amadora.

Gostosamente fizemos as suas inscrições, o que muito agradecemos.

A «Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos, desde os mais simples aos mais luxuosos.

Eça de Queirós

(Continuação da 5.a página)

das do mar como que a anunciar grande tempestade. Pelas ruas da Póvoa do Varzim ouviam-se gemidos de Mães, que tinham sobre as águas do mar os maridos ou os filhos. Aqui e acolá gritavam crianças como como que a chamarem pelos Pais ou irmãos que sobre as águas andavam. A todas estas lamúrias servia de música de fundo o assobiar do vento e o bater monótono da chuva sobre os pavimentos das avenidas e ruas da Póvoa. Eis senão quando, se vê atravessar o espaço uma espécie de estrela cadente que fez jorrar luz do sol, transformando esse melancólico dia de Outono.

Caira das nuvens uma bela criança de olhos azuis, faces rosadas, cabelos loiros, a rir-se muito, muito, quase às gargalhadas!!!

Os senhores da casa tomando o menino, partiram dali. Toda a gente que vira o milagre, passados oito dias ainda procurava o taumaturgo, mas o certo é que, passado tão pouco tempo já estava em Vila de Conde, baptizado e perflhado, tendo por Mãe o Senhora D. Carolina Augusta de Eça e por Pai o Sr. Dr. José Maria de Queirós. Supérfluo será dizer que esse menino, caído das nuvens, é o grande escritor português, autor, d'«O Crime do Padre Amaro» e d'«O Primo Basílio».

Eça, depois de ter concluído o seu curso liceal no Porto, embora o tivesse preparado num colégio, dirigiu-se a Coimbra, onde se formou em direito. Uma vez concluída a formatura, foi diplomata, chegando a ser 1.º cônsul de Havana.

Numa das visitas que fez, de Havana a Portugal, consorciou-se no Porto, na capela de Santo Ovidio, com D. Emilia de Castro, irmã do Conde de Resende. Dois anos depois, foi despachado cônsul para Paris, onde morreu com 55 anos de idade.

No respeitante à literatura bastará dizer que Eça foi para o Rea-

lismo o que Garrett foi para o Romantismo. Suscitou o uso de figuras que estavam desactualizadas. Deve-se-lhe a organização do programa das conferências do Casino Lisbonense, que foi uma das principais causas do advento do Realismo em Portugal, etc. etc. Podemos dividir a actividade literária de Eça em três fases: — Na primeira, com temas românticos mas de sabor realístico, já aparece a ironia, que é uma das principais características da pena de Eça. Na gazeta de Portugal dá início à sua carreira. Escreve depois: Prosas Bárbaras, O Mistério da Estrada de Sintra, etc. Na segunda fase nada quer encoberto, isto é, mostra-se um autêntico realista. Com o crime do Padre Amaro introduz em Portugal o romance realista. No Primo Basílio vai ascendendo os degraus da perfeição. Escreveu: Os Maias, O Mandarim e outros. Na terceira fase abandona o Realismo. Principia esta fase com a publicação de «A Relíquia», obra chocante, de mau gosto. Aparece póstumamente a maravilhosa novela: «A cidade e as serras» — o melhor livro de Eça de Queirós e um dos melhores da nossa literatura.

A Eça de Queirós se deve em muito o aperfeiçoamento do estilo. Todavia, o estilo de Eça, não é tão exuberante como o de Camilo, nem tão culto como o de Herculano, mas em contra-partida é mais vivo e mais moderno do que os dois primeiros. Por um lado, podemos ver nas obras de Eça um ou outro defeito, v. g., o emprego frequente de galicismo, mas por outro lado, somos forçados a dizer com alguém que, «nunca a língua portuguesa atingira tal grau de maleabilidade, tal poder de expressão e tanta riqueza de harmonias, como em EÇA DE QUEIRÓS».

9-7-58.

Luiz Esteves

Visado pela Censura

Concurso Pecuário

Sob os auspícios do Grémio da Lavoura, realizou-se na passada 2.a feira, como havíamos noticiado, o concurso tradicional pecuário.

A multidão, tanto mais densa quanto a festa coincidia num dia de feira quinzenal, aglomerava-se radiosa para assistir aos diversos pormenores que oferecia o concurso pecuário e as provas hípicas.

Dos pontos mais recônditos do concelho, sob um sol brilhante e acariciador, acorreu a nossa boa gente, ávida de distrações. Eis a característica alegre e dominante do povo do concelho de Terras de Bouro: adora as festas, e a elas, sob qualquer pretexto, não deixa de comparecer.

A primeira parte do programa, abriu com o concurso pecuário. Belas estampas de gado bovino, adornadas com fitas vermelhas e com curiosos guisos a tilintar, como que a associar-se à garridice da festa, desfilavam para a disputa dos prémios.

O júri constituído para o concurso pecuário era composto pelos senhores:

Dr. João Bezeza Ferraz e outro técnico da Intendência de Pecuária de Braga e pelo sr. José Fernandes Marques Roupas, de Souto, como Delegado do Grémio da Lavoura.

Foram os seguintes prémios conferidos:

TOUROS REPRODUTORES

1.º—Bernardino Soares, da freguesia de Aguas Santas, Póvoa de Lanhoso, 1 taça e 250\$00; 2.º—José António Dias, Covide—Terras de Bouro, 200\$00; 3.º—Manuel Soares, Idem, 150\$00.

NOVILHOS

1.º—José António Dias, Covide, deste concelho, 150\$00; 2.º—António José Antunes, Gondoriz, 100\$00; 3.º—Manuel José Vieira, Balança, 50\$00.

VACAS ISOLADAS

1.º e 2.º—José Barros de Macedo de Vila Verde, e João Nascimento dos Santos, de Braga, 225\$00 a cada; 3.º—António José Martins—Pesqueiras, Moimenta, 150\$00; 4.º—José Joaquim Marques—Ribeira, 125\$00; 5.º—Manuel Oliveira—Pesqueiras—Moimenta, 100\$00; 6.º—Manuel José Dias—Chorense, 75\$00.

Condições de Assinatura (Pagamento adiantado)

Continente e Ilhas

Semestre	25\$00
Ano	50\$00
Ilhas (via aérea):	
Semestre	40\$00
Ano	80\$00

GRUPO CORAL E FOLCLÓRICO DE TERRAS DE BOURO

A Comissão organizadora do Grupo em referência, endereçou a diversas entidades uma circular solicitando um subsídio para custear as despesas com a aquisição de instrumental e outros artigos necessários ao bom êxito do mesmo.

Espera a Comissão receber em breve os subsídios pedidos e já teve conhecimento de que a Dig.ma Junta de Turismo do Gerês, — a que preside o filho desta terra (Carvalheira) Ex.mo Sr. Armindo Diniz Dias Corais — industrial em Moreira de Cónegos, comparticipa com a bonita quantia de 1.500\$00.

Até agora foi já recebida a importância de 100\$00.— oferta do Subdelegado de Saúde—Sr. Dr. Artur Adriano Arantes.

Na passada segunda-feira, dia 14, foi o aludido Grupo autorizado a executar o seu reportório, a título experimental, através dos altifalantes instalados no edifício dos Paços do Concelho, execução que, se g u n d o nos consta, agradou plenamente.

Assinai e propagai a «Tribuna Livre»

Bilhetes - Cartas de Angola

XLIV

Venturoso Pedro Lucas:

Agradeço os cumprimentos e parabens que enviaste para transmitir ao Silva Tubarão. Mas, nem todos assim pensam.

Quando escrevi ao Pai do «Tubarão», a comunicá-lhe o baptismo do filho, respondeu-me, assim, textualmente:

— «Se me condenassem a tal, decididamente, chamava todos os «carvalhos» que pululam na nossa freguesia, agarrava-me, com todas as forças e coragem, ao Rei, e não sei mesmo quantas cambalhotas daríamos, mas o C e o U na selha, é que eu não metia... acontecesse o que acontecesse...».

Quando encontras o progenitor do nosso recém-baptizado, dize-lhe, a meu pedido que distinta e boa gente se deixou «purificar», como engenheiros, aviadores, funcionários, etc, etc, e aceitou e cumpriu a sentença do Meritíssimo Juiz do tribunal Neptuniano.

Lembras-te, acaso, daquela loura simpática que calçava uns sapatos brancos ornamentados com umas boiazinhas vermelhas, cujos «mastros» o nosso Trindade muito gostaria de docemente desfrutar? Pois, também, ela recebeu as águas lustrais do Rei dos Oceanos e foi condenada a comer um bolo muitíssimo apimentado, o que igualmente foi infligido a outras senhoras. Que feias carantouhas vimos, então!...

A um médico foi imposta a pena de dançar enquanto sua esposa cantava «Uma Casa Portuguesa» e a um professor foi aplicado o castigo de dar uma volta com a selha ao estrado do real tribunal.

Um carpinteiro analfabeto foi forçado a discursar, improvisadamente, sobre Neptuno e o seu reino aquático...

Sua Magestade continua-

va a rir, irónica e despoticamente...

Não sei porquê, mas, desde aquele déficio conselho Olímpico, Neptuno, mexericado por Baco e outros, nunca mais perdoou aos nossos ausados navegadores e, daí com certeza, estes amuos, para mim inexplicáveis...

Finalmente, foi um baptismo geral. As mangueiras regaram, abundantemente, todos os espectadores deste cerimonial, inclusive, o escrevinhador destas linhas que, para escapar ao banho, numa correria louca, caiu precipitada e desastrosamente sobre um montão de cadeiras, tendo ficado com escoriações em um joelho. Mas, assim mesmo, não era manco a fugir, logo que se levantou.

Até breve e dispõe de mim.

Boa-Fé, 6 de Julho de 1958

Gonzaga da Cruz

Inimigos de sempre

Continuação da 1.ª página

torções da Família Nacional, que se debateu em frequentes desavenças com que aquela se fortalecia, insinuando-se por sábios meios, a cabeça sempre metida na melhor privança dos monarcas, em cargos palatinos de físicos-mores, astrólogos e oficiais do fisco. a poder de tempo acadou por introduzir o corpo todo e pesar sensivelmente na balança política dos estados que a acalentaram no seio e foram feridos de morte.

Chame-se pelo nome que cada época da história queira dar-lhe, este inimigo comum dos povos legitimamente constituídos, tem-se verificado que prolefera sob o clima benfazejo da desordem e ao vento estranho de além fronteiras; insinuante e astuto só uma coisa parece ignorar ou desprezar e é que, agarrado à vítima, a que tentaria sorver o último alento, iria dar com ela, como verme em cadáver, nos tempos nebulosos do caos

Deliberação da Câmara Municipal em sua sessão ordinária de 10 de Julho de 1958.

Ofícios—Da Direcção do Distrito Escolar de Braga, solicitando-se material didáctico e reparação em várias escolas do concelho.

—Do Ministério das Obras Públicas, informando a câmara que a sua participação nas despesas resultantes da construção e conservação de edifícios previstos no Plano dos Centenários, é de Escudos 57.967\$00, para 1959.

Licença graciosa—Foram concedidos 27 dias de licença graciosa, para fazer tratamento em Caldelas, ao sr. Manuel Augusto de Sousa, aspirante da Câmara Municipal.

Foram concedidas licenças para obras—A Constantino José Gonçalves, de Godinhaços, para construir uma vedação junto do caminho público. A Glória Gonçalves Branco, de Godinhaços, para construir uma loja e varanda, junto de caminho público. A Abel Magalhães Barbosa, de Escariz S. Martinho, para construir uma casa junto de caminho público. A Manuel Augusto Peixoto de Oliveira, de Soute-

lo, para reconstruir um muro, junto de caminho público. A José Joaquim de Queiroz, de Prado Santa Maria, para construir um bloco de duas habitações.

Concedida Assistência Hospitalar—A Maria Cer-

queira, de Gondiaes, para tirar radiografia no H. de S. Marcos. A Manuel Gonçalves de Sousa, de Soutelo, para fazer um exame radiográfico aos pulmões no H. S. Marcos.

PANORAMA SOCIAL

Não sei qual será mais excelente;
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

— Isto dizia o Épico cantando os feitos da gente Lusitana. Mas se ele fosse vivo, hoje, diria: Não ser do mundo Rei, nem de tal gente.

A pesar de naquele tempo já existir a malquerença e a intriga com a qual ele foi profundamente atingido quando foi escrivão da Puridade da Feitoria de Macau, se voltasse a este mundo, fugiria espavorido novamente para os confins deste planeta, buscando a solidão e o sossêgo para não ficar «maluco».

Isto vem a propósito de que, muitos querem ser notados; uma vez conseguido, queixam-se de que não têm convívio: procuram ser conhecidos e, depois de terem a confiança dos outros, abusam de tudo e de todos.

Quando se está só com os outros, procuram o convívio de alguns, mas, frequentemente, como acontece em muitos casos, quando juntos, passam a vida intrigando, caluniando e até acontece—quantas vezes se tem notado—inventado coisas que só eles são capazes de praticar.

Como reconciliar então o convívio pródigo com essas atitudes deslegantes? «suprimir esses maus princípios; essa tensão separadora; esse tipo vacuidade insuportável, ou então procurar o isolamento e a solidão da comunidade»

A solidão é uma bênção quando está cheia de presenças, não de presenças físicas como as de pessoas mal intencionadas.

O espírito de comunidade ou de convívio é melhor alcançado onde existe a renúncia do próprio eu por outro. Eis porque Nosso Senhor despediu os seus discípulos, dois, a dois, a fim de que pudessem praticar a caridade um ao outro.

A tensão entre a solidão e a comunidade não é tão real como parece. Nos

exemplos dados acima, não há verdadeira solidão nem verdadeiro convívio. Solidão não é isolamento, fuga nem separação dos outros. Este tipo de vacuidade é insuportável, porque, como ensinava certo poeta, o isolamento é anti-natural porque nenhum indivíduo é auto-suficiente. Por outro lado não existe verdadeira comunidade, tanto no agrupamento como na solidão.

Como reconciliar então a solidão e convívio? Isto só pode ser feito nos ambientes mais elevados e com educação. Ensina-nos o Evangelho que, quando o filho de Deus veio à terra e tomou forma humana como a nossa, Ele passou três horas da sua vida redimindo-se, três anos ensinando, porém, trinta anos em silêncio e contemplação. A proporção das horas silenciosas passadas em descobrir dentro de si a Presença Divina como um prelúdio aos bons ofícios comunais, nem mesmo foi ligeiramente preservada, e todavia nisso reside o segredo da paz.

O homem silencioso é o homem falante; ele fala às profundidades da sua alma e corrige as suas faltas; depois, escuta a palavra de Deus que vem das alturas do silêncio. O homem falante não é silencioso; não fala à sua alma nem escuta a palavra de Deus porque a sua elocução é dada em ruído ao superficial e ao inexpressivo com o fim de agradar aos grandes vultos que nem sempre se podem isolar destes indivíduos, tão perniciosos à sociedade.

Eis aqui o que a comunidade tem de observar se quiser ter paz e concórdia, segundo a opinião do conceituado escritor e filósofo, D. Fulton Cheen (Bispo de Nova Iorque).

João Vilela

Dr. Fernando Adelino Faria Ferreira

MÉDICO

CLÍNICA GERAL

CALDELAS

TELFONE DOS
BOMBEIROS
VOLUNTÁRIOS
62113

Que o verdadeiro e sagrado culto da História ilumine todas as inteligências, rectifique todas as mentalidades!